

Encontro nacional da ANPPAS
GT : turismo meio ambiente e sociedade

Título: TURISMO E JUVENTUDE NO MEIO RURAL: QUESTÕES PARA UM DEBATE DA SOCIOLOGIA RURAL

Autor: Marcelo Pereira de Lima* (sociólogo, pela UFRPE, e mestrando em Sociologia, pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE)

E-mail: marcelopesq@ig.com.br

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Monteiro da Fonte (PPGS/UFPE)

INTRODUÇÃO

A revalorização do debate em torno da ruralidade parece pôr em xeque todas as previsões escatológicas acerca do futuro (fim) do rural. Estas davam conta de que com a modernização da agricultura e/ou a revolução verde, o campo tenderia inexoravelmente ao desaparecimento, havendo um processo de homogeneização entre o mesmo e a cidade, onde aquele se urbanizaria, suprimindo assim, suas diferenças, como propagava boa parte da sociologia rural norte-americana.(QUEIROZ,1969). Tem se verificado entretanto, a penetração no campo, de uma série de atividades de caráter não-agrícolas, como indústria, entretenimento e turismo. Este último torna o rural um espaço de “consumo” pelas populações urbanas e confere ao mesmo o valor de sua especificidade (WANDELEY,2000).

O texto aqui apresentado resulta da construção de um esforço que visa ocupar dois espaços ainda não devidamente preenchidos pela Sociologia Rural, ao menos no que refere às teses acadêmicas**, que são os estudos referentes ao turismo no meio rural, bem como a juventude deste mesmo meio. Com relação à segunda, Silva (2000: 2-3) assina-la:

(...) Nunca é demais sublinhar que os estudos sobre juventude vêm se configurando numa importante preocupação entre os pesquisadores e profissionais de várias áreas, uma vez que apontam para questões de âmbito sócio-cultural, educacional e econômico. No caso brasileiro, nos vários contextos, verificam-se altos índices de evasão escolar, violência, gravidez precoce, desemprego, além de crescentes vulnerabilidades às doenças infecto-contagiosas, drogas e suicídio entre os jovens.

* Aluno vinculado ao PROCAD (Convênio PPGS/UFPE e UNICAMP), através do Mestrado Sanduíche junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Doutorado em Ciências Sociais, da UNICAMP.

** Baseamos tal afirmação em um de nossos levantamentos realizado junto ao IBCT e ao Banco de Teses da CAPES, nos quais não se verificou a existência de estudos no campo da Sociologia Rural, que problematizasse os dois temas acima referidos (turismo rural e juventude rural).

Se tais problemas são freqüentemente atribuídos aos jovens do universo urbano, o que sabemos sobre os jovens do rural brasileiro?

Para Durston, citado por Carneiro:

Atualmente fenômenos caracteristicamente urbanos – como as “gangues” ou “galeras” e suas práticas simbólicas de identificação normalmente plenas de comportamentos agressivos – vem despertando a atenção de cientistas sociais, mas no que se refere ao mundo rural, a juventude permanece na condição de invisibilidade decorrente dessa visão estereotipada que tem dificultado a compreensão da sua complexa inserção num mundo globalizado (Durston, apud Carneiro, 1999: 1). (Destques no original.)

Gurrieri *et al* (1971: 27) também ressalta a ausência desses estudos: “Si la juventud estudiantil ha sido objeto de copiosos estudios y la juventud pobre de las ciudades ha merecido algunos análisis que permiten destacar sus rasgos más generales, la juventud campesina en América Latina es un campo inexplorado”.

Por fim, ao abordar o impasse em torno da permanência ou a saída de seu “lócus”, com que normalmente se deparam os jovens do meio rural, o trabalho proposto contribui, de algum modo, para o debate que diz respeito à reprodução social na agricultura familiar¹ bem como suas estratégias, ao vislumbrar, no campo, a penetração das atividades de caráter não-agrícola, como é o caso do turismo. Nesse sentido, a pesquisa que propomos assenta-se, então, sobre um estudo de caso, de cunho qualitativo, e deverá ser desenvolvida como fora mencionado, no município de Bonito, estado de Pernambuco, especificamente no assentamento rural Barra Azul, durante o ano de 2004.

ALGUNS ELEMENTOS PARA O DEBATE TEÓRICO

As ciências sociais, mais precisamente a sociologia rural, consumiu páginas e mais páginas dando conta - ou pelo menos tentando dar - da relação entre campo e cidade ou rural e urbano. Dentro das várias perspectivas que surgiram, destacamos três delas: a primeira, a teoria dicotômica, sugere que o rural e o urbano, o campo e a cidade, se opõem frontalmente; o rural tido como tradicional² e atrasado, e o urbano, moderno e industrializado. Por outro lado, há uma outra teoria, que é a do continuum rural-urbano, defendida dentre outros autores por Bertrand *et al.* (1973). Ela se baseia numa escala de graus relativos numa amplitude que se

¹ Vale conferir os seguintes trabalhos: Abramovay *et al.* (1998, 2000, 2001, 2003a e 2003b) e/ou ainda Schneider (2000).

estende entre os dois extremos polares do rural e do urbano. Por fim, a terceira, aponta para a idéia de que os dois espaços são diferentes, entretanto mantém-se numa relação de complementaridade. Gurrieri e Torres-Rivas (1971) assinalam a existência de “nexos concretos” entre as zonas rurais e urbanas sobre todos os níveis da estrutura do poder e predicam que a solução dos problemas rurais implica na mudança da sociedade global.

Em tempos atuais, o meio rural passa por profundas transformações. Estas se subscrevem numa outra de maior dimensão que se processa no interior da sociedade capitalista³. No caso específico do Brasil, de acordo com Mattei (2003), o processo de estagnação econômica nas últimas décadas acarretou uma série de impactos sobre o mundo do trabalho, tanto no setor urbano-industrial quanto no campo. Assim, para Mattei (2003:1)

(...) as mudanças na dinâmica do trabalho agrícola já são perfeitamente visíveis, seja através do aumento do número de pessoas das famílias de agricultores que possuem emprego fora das propriedades, seja através das combinações de diferentes atividades não agrícolas nem sempre ligadas exclusivamente à produção agropecuária.

Portanto, o espaço rural assume novas funções, sejam o consumo de bens materiais e simbólicos (propriedades, festas, folclore, gastronomia, p.ex), ou de serviços (eco-turismo, atividades ligadas à preservação ambiental, etc.) (Schneider, 2000).

Sobre esse aspecto, uma das atividades que surgem no campo é o turismo rural que, de acordo com Rodrigues (2001), é uma atividade relativamente nova no Brasil. As primeiras experiências sob esse rótulo se deram nos anos oitenta (precisamente em 1986) no município de Lages, no estado de Santa Catarina, sendo a grande referência para todo o país. Ao falarmos em turismo no meio rural, que como outras atividades de caráter não-agrícola, tem penetrado no campo, e conseqüentemente se constituindo num fator de geração de emprego e renda, temos em mente a preocupação com a categoria juventude rural que tanto é atingida diretamente pelas transformações sócio-econômicas no meio rural - por conseguinte a crise da agricultura familiar - quanto pode ser beneficiada pelas alternativas e possibilidades que lhe surgem nesse meio. No entender de Carneiro (1999: 7), “essa categoria salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa diluição das fronteiras

² O elemento tradicional é posto pela perspectiva dicotômica, em sentido pejorativo, se constituindo num fator de entrave ao desenvolvimento. A esse respeito vale conferir os trabalhos de Sorokin; Zimmerman; Galpin, *in* Martins, 1986.

³ David Harvey (1993) assiná-la como sendo a mudança no regime de acumulação fordista, para o pós-fordista ou de acumulação flexível, o primeiro caracterizado pela produção seriada e em larga escala, e o segundo, pela produção segmentada e flexibilizada.

entre os espaços rurais e urbanos, combinadas com a falta de perspectivas para os que vivem da agricultura”.

Avançando mais especificamente no âmbito do que se pretende investigar, pode-se dizer que o debate teórico envolvendo turismo e juventude no meio rural, objeto de investigação proposto por este projeto, será estabelecido, para fim de nosso interesse, a partir de alguns estudos.

Com relação ao turismo rural, mencionemos o estudo de Cavaco (2000), no qual turismo em meio rural está situado como outras modalidades, dentro do chamado turismo alternativo que:

(...) são formas de turismo que em princípio respeitam as capacidades de carga dos meios de acolhimento, em termos naturais, culturais e sociais, com conservação dos recursos locais, físicos e humanos, incluindo os interesses turísticos diminuindo os custos e elevando benefícios e, não menos importante, reduzindo as saídas de divisas. (2000: 105)

Por sua vez, Rodrigues (2001) intenta estabelecer uma tipologia do turismo rural no Brasil, sugerindo dois grandes grupos que se relacionam basicamente ao patrimônio cultural: o primeiro, de cunho histórico e o segundo, de natureza contemporânea. Quais sejam:

a) Turismo rural tradicional

- a.1 – de origem agrícola;
- a.2 – de origem pecuarista;
- a.3 – de colonização européia.

b) Turismo rural contemporâneo:

- b.1 – hotéis fazenda;
- b.2 – pousadas rurais;
- b.3 – spas rurais;
- b.4 – segunda residência campestre;
- b.5 – camping's e acampamentos rurais;
- b.6 – turismo de caça e pesca;
- b.7 – turismo rural místico religioso;
- b.8 – turismo rural científico-pedagógico;
- b.9 – turismo rural etnográfico.

Depois Froehlich (2000), que procura explorar criticamente o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento a partir da relação turismo rural e agricultura familiar. Segundo ele,

Parece mesmo indubitável que a temática dos serviços e, dentre eles, a do turismo, está em voga e tem marcado as práticas sociais no âmbito das sociedades contemporâneas. Assim, para o que é considerado turismo em espaço rural, proliferam modalidades diversas (agroturismo, ecoturismo, turismo esportivo, turismo cultural), revalorizando o território e grupos sociais rurais e carreando um crescente fluxo de cidadãos. Mas também as questões relativas à agricultura familiar não têm estado menos na ordem do dia, visto os diversos projetos institucionais e discussões associadas às condições efetivas para promover o desenvolvimento no meio rural. Embora haja uma grande produção bibliográfica em cada uma dessas abordagens, não tem sido muito comum cruzar reflexões e aspectos relevantes sobre elas, apesar de tematizar um mesmo âmbito sócio-espacial na perspectiva do ‘desenvolvimento’ (Idem: 182 - com destaque originalmente).

Já o estudo de Silva; Vilarinho; Dale (2001) aponta para as possibilidades e limitações do turismo em áreas rurais no Brasil. Dentre essas possibilidades, são destacadas as seguintes:

- 1 – geração de empregos⁴, com oportunidades para os segmentos expressivos de trabalhadores domésticos (p. ex. caseiros);
- 2 – cessão de casas de moradia (com o direito de manter hortas e criações);
- 3 – uso menos intensivo do solo, bem como de água e outros recursos naturais que beneficiam um novo tipo de povoamento rural.

Por outro lado, as limitações seriam as que seguem:

- 1 – dificuldade de enquadramento do pessoal ocupado;
- 2 – a especialização das propriedades nas atividades de lazer e hotelaria, em detrimento daquelas ligadas à agropecuária.

Sendo o turismo no meio rural uma atividade em que se identificam com as especificidades da vida rural, ou seja, aquelas que valorizam o ambiente rural a economia e a cultura local, tem que ser visto como algo que não pode ser implementado indiscriminadamente. É necessário o poder público se fazer presente no papel de incentivador, mas ao mesmo tempo de planejador.

⁴ Fialho (2003), com base nos trabalhos de Lage e Milone (2000), classifica em três categorias os empregos gerados por intermédio do turismo em meio rural; 1) empregos diretamente relacionados com a direção e o funcionamento da indústria turística; 2) empregos resultantes do desenvolvimento da indústria turística, como transportes, agricultura, bancos etc.; 3) empregos indiretos criados pelo turismo, que surgem derivados do montante de recursos obtidos pelas atividades produtivas dos residentes locais.

Finalmente, o estudo de caso empreendido por Silva; Almeida (2002: 165-199), cujo objetivo era compreender as alterações nos grupos familiares e na comunidade por conta da implantação do turismo rural, apresenta a nítida vantagem de interligar família, trabalho e patrimônio em torno do turismo rural. A conclusão a que os autores chegam é que a comunidade, num esforço de superação da crise agrícola das últimas décadas, valeram-se de uma série de alternativas para isso, entre as quais o turismo que, inicialmente implementado com o objetivo de aumentar a renda e preservar o patrimônio arquitetônico, superou os limites econômicos e sentimentais para repercutir nas outras facetas da vida dos habitantes. Segundo os autores,

A pluralidade dos motivos que fazem com que as famílias preservem os estabelecimentos turísticos tanto revela ligações com os valores herdados dos ancestrais quanto apresentam claras perspectivas de futuro para os dependentes.

No balanço entre as conseqüências positivas e negativas do turismo para a localidade, certamente as primeiras sobressaem, ou a atividade não estaria em fase de expansão, nem seria citada como benefício (*Ibid.*, 2002: 198).

Concernente à juventude no meio rural, são pertinentes, para o entendimento dessa temática, os escritos de Silva (2002), que estabelece uma interface entre socialização, educação e assistência de jovens no meio rural, tendo em vista que no momento em que as fronteiras entre o rural e o urbano diminuem cada vez mais e diferentes universos culturais se interpenetram, as dificuldades socioeconômicas dificultam a vida de quem vive da agricultura, emerge a juventude rural como uma população profundamente afetada por este processo. População essa que, por muito tempo, passou despercebida das pesquisas acadêmicas brasileiras.

Guigou (1968: 80-81) que vê os grupos jovens no campo dentro de perspectiva “tradicional”, denominados por ele, “classe de idades rurais” onde aponta a existência de quatro destas, com as seguintes características:

- 1) Faz parte dos grupos sociais da aldeia e assim integra o jovem na comunidade rural, permitindo-lhes ser reconhecidos pelos adultos;
- 2) deixa intacta a vida familiar do jovem, em particular do jovem agricultor rural;
- 3) adota tradicional e espontaneamente todos os jovens rurais da mesma classe de idade;

4) facilita em larga medida o diálogo entre as gerações, operando em comunas numerosas atividade da aldeia (organização dos lazeres e das festas, principalmente)

Uma outra referência nesse mesmo objeto é o trabalho de Brumer; Rosas; Weisheimer (2000). Fundamentado em dados colhidos em duas regiões do Rio Grande do Sul (Vale do Caí e Litoral), nas quais varia a forma de organização do trabalho entre os membros da família rural, nele é examinado como a organização do trabalho familiar e a forma de distribuição de renda entre os membros da família influenciam as possibilidades de fixação dos jovens no campo.

Wanderley (2003), que tem como proposta estudar a juventude rural e os seus projetos para o futuro, afirma que “a preparação e o encaminhamento dos jovens para a vida futura passam pela avaliação da família a respeito das possibilidades concretas de absorção dos filhos no estabelecimento familiar, de instalação em outros estabelecimentos agrícolas próximos ou distantes, e ainda a preparação para outras atividades profissionais não agrícolas” (*idem*: 7).

.Por fim, no que concerne à juventude rural, entendemos como um período de transição entre a infância e a idade adulta, cuja idade varia entre 15 e 24 anos, de ambos os sexos, membro de uma família de agricultores e pertencentes a uma comunidade rural (Wanderley, 2003). Ou ainda, em concordância com Durston (1998: 7), como “la etapa de vida que empieza com la pubertad y termina con la assunción plena de las responsabilidades y la autoridad del adulto, es decir, las que corresponden a los jefes masculino y femenino de un lugar economicamente independiente”. Melucci (1997), situando a juventude em termos gerais, também a vê como etapa de vida. Para esse autor a juventude se inicia quando, na adolescência, a infância é deixada para trás e são dados os passos iniciais para a vida adulta. Entretanto, é importante que reconheçamos, as dificuldades e limitações da definição da categoria juventude como etapa de vida, pois não se trata de uma categoria homogênea, pelo contrário, ela é heterogênea, uma vez que está submetida a uma série de fatores, como p.ex: cultura, classe, grupos, etnias e gêneros (Silva, 2001).

Diante do exposto, perguntamos por que a produção acadêmica no âmbito da sociologia rural se apresenta de maneira tão tímida face à importância dos objetos referidos acima?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Poderíamos esboçar uma conclusão preliminar, lançando a seguinte hipótese: não estaria essa ausência associada à idéia de demarcação dos campos científicos tão ao gosto de uma certa herança cartesiana, onde tal delimitação define quais os objetos que devem ser estudados e por quais ciências, se não vejamos: seria o turismo propriedade exclusiva de áreas como administração, marketing, economia, geografia? Lancemos esta questão para possíveis respostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Ricardo (coord.). (1998), *Juventude e agricultura familiar: desafios de novos padrões sucessórios*. Brasília, UNESCO.
- ABRAMOVAY, Ricardo *et al.* *Sucessão profissional e transferência hereditária na agricultura familiar*. In: GIPAF/NEAD. Disponível em: <<http://www.gipaf.cnpta.embrapa.br/itens/publ/suber2000/abramovay/paper0966.pdef>>. Acessado em: 15 dez 2003.
- _____. (2001), *Impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Brasília, NEAD.
- _____. (2003), Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar. *Agric. São Paulo*, SP, 50 (1): 11/24.
- ALMEIDA, Joaquim A.; RIEDL, Mário. (2000), *Ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, EDUSC.
- ALMEIDA, Joaquim A.; FROEHLICH, José M.; RIEDL, Mário (org.). (2001), *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. 2. ed., Campinas, Papirus.
- BERTRAND, Alvin L. *et al.* (1973), *Sociologia rural: uma análise da vida rural contemporânea*. São Paulo: Atlas.
- BRITTO, Sulamita de. (1968), *Sociologia da juventude II: Para uma sociologia diferencial*. Rio de Janeiro, Zahar editores
- BRUMER, Anita; ROSAS, Eduardo N. L.; WEISHEIMER, Nilson. (2000), *Juventude rural e divisão do trabalho*. In: CONGRESSO DA INTERNATIONAL RURAL SOCIOLOGY ASSOCIATION (IRSA), 10., 2000, Rio de Janeiro.
- BRUMER, Anita; SOUZA, Rebeca H. V. de; ZORZI, Analisa. Ficar ou sair: perspectivas futuras dos jovens do meio rural. In: CONGRESSO DA ALASRU, 6., 2002, Porto Alegre. *Anais...* p. 1365-1372.

- CARNEIRO, Maria José. (1999), “O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais”, in F. C. T. da Silva, R. Santos, L. F. C. Costa (orgs.). *Mundo rural e político: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro, Campus/Pronex.
- CAVACO, Carminda. (2000). “turismo rural e desenvolvimento local”, In: Rodrigues, Adyr (org) Turismo e Geografia – reflexões teóricas e enfoques regionais; São Paulo, Hucitec.
- DURSTON, John. *Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual*. In: CINTERFOR. Disponível em: <<http://www.cinterfor.org.uy/public/spanish/region/ampro/cinterfor/temas/yonth/doc/not/libro/264/index.htm>>. Acessado em: 20 jan 2004.
- ELESBÃO, Ivo. (2000), “O turismo como atividade não-agrícola em São Martinho-SC”, in J. A. Almeida, M. Riedl, *Ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP, EDUSC.
- FIALHO, Marco Antônio Verardi (2003), Turismo rural e o emprego não-agrícola: o caso da Rota Colonial de Dois Irmãos – Rio grande do sul – Brasil. Capturado em: <<http://www.fidamerica.cl/erna/documentos/turismorural>> Acessado em 10 dez 2003.
- FONTE, Eliane M. M. da. (1982), A valorização da escola no meio rural. Recife, séc/ddn – diplan.
- _____. (1998). Public policies and private gains: integrated rural development in north-east Brazil. Tese (doutorado em sociologia) – London School of Economics and Political Science, University of London, London/ UK.
- FROEHLICH, José M. (2000), “Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o ‘desenvolvimento’”. In: A. Almeida, M. Riedl, *Ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru: EDUSC.
- GONDIM, Linda Maria P. (org.). (1999). *Pesquisa em ciências sociais: o projeto da dissertação de mestrado*. Fortaleza: EUFC.
- GUIGOU, Jacques. (1968) “ *Problemas de uma sociologia da juventude rural* “. IN: Sulamita de Britto (org) sociologia da juventude rural II, Rio de Janeiro, Zahar editores.
- GURRIERI, Adolfo; TORRES-RIVAS, Edelberto. (1971), “Situación de la juventud dentro Del complejo económico-social de América Latina”. In: A. Gurrieri *et al. Estudios sobre la juventud marginal latinoamericana*. México: Siglo Veintiuno.
- GURRIERI, Adolfo *et al.* (1971), *Estudios sobre la juventud marginal latinoamericana*. México. México: Siglo Veintiuno.
- HARVEY, David.(1993), “A condição pós-moderna.” São Paulo: Loyola.
- LACERDA, Daniel de. Assentamento de Bonito pode virar pólo turístico. *Jornal do Comércio*, Recife, 06 nov. 1997.
- LACERDA, Ângela. Assentamento torna-se pólo turístico em PE. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 set. 2001.

- LIMA, Marcelo P. de; CARVALHO, Maria do Desterro(1996), estudando o setor sucro-alcooleiro. Relatório de pesquisa, CNPq, Recife, mimeo.
- MARTINS, José de Souza (org.). (1986), *Introdução crítica à sociologia rural*. 2. ed. São Paulo, Hucitec.
- MATTEI, Lauro. *Agricultura familiar e turismo rural: evidências empíricas e perspectivas*. In:NEAD. Disponível em: <http://nead.org.br/artigodomes/imprime.php?id=20>. Acesso em: 30 out. 2003.
- MELUCCI, Alberto. (1997). "Juventude em Tempos e Movimentos Sociais". IN: Revista Brasileira de Educação. N.5 e 6 mãe/dez.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (1998), *O desafio do conhecimento: pesquisa, qualitativa em saúde*. 5. ed., São Paulo/Rio de Janeiro, Hucitec/Abrasco.
- _____ (org.). (2002), *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. 21. Ed., Petrópolis, Vozes.
- PIRES, Paulo dos S. (2001), "A paisagem rural como recurso turístico", in A. B. Rodrigues, *Turismo rural: práticas e perspectivas*. São Paulo: Contexto.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Sociologia Rural*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.
- RIBEIRO, Tereza C. A. *A pluriatividade: uma estratégia de reprodução social da agricultura familiar?* In: GIPAF/CNPTA. <Disponível em: <http://gipaf.cnpta.embrapa.br/itens/publ/sober/2000/ribeiro/paper1648.pdf>.> Acesso em: 16 jan 2004.
- RIEDL, Mário; ALMEIDA, Joaquim A.; VIANA, Andyara Lima B. (orgs.). (2002), *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul, EDUNISC.
- RICHARDSON, Robert J. et al. (1999), *Pesquisa social – métodos e técnicas*. 3. ed. ver. ampl., São Paulo, Atlas.
- RODRIGUES, Adyr B. (org.). (2001), *Turismo rural: práticas e perspectivas*. São Paulo: Contexto.
- RODRIGUES(b), Adyr B. (2001), "Turismo rural no Brasil: ensaio de uma tipologia", in A. B. Rodrigues, *Turismo rural: práticas e perspectivas*. São Paulo: Contexto.
- SCHNEIDER, Sergio.(2000)."Agricultura familiar em uma época de transformações: a pluriatividade como estratégia de reprodução social". XXXVII Congresso brasileiro de economia e sociologia rural, SOBER, 25 p.
- RUSCHMANN, Doris van de M. (2001), "Turismo rural e desenvolvimento sustentável", in ALMEIDA, Joaquim A.; FROEHLICH, José M.; RIEDL, Mário (org.). (2001), *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. 2. ed., Campinas: Papirus.
- SILVA, Antônio Carlos da (2001). "A subjetividade da categoria juventude". <Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/download/pausa.doc>.> Acessado em: 18 dez. 2003.

- SILVA, José G. da; VILARINHO, Carlyle; DALE, Paul J. (2001), “Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil”. *In: J. A. Almeida, J. M. Froehlich, M. Riedl (orgs.), Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. 2. ed., Campinas: Papirus.
- SILVA, José G. da; CAMPANHOLA, Clayton.(2000), “O agroturismo como fonte de renda para o pequeno agricultor brasileiro”. *In: J. A. Almeida, M. Riedl (orgs.). Ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP: EDUSC.
- SILVA, Vanda. (2002), “Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência.” *Caderno CEDES*, 22, 57: 1-17.
- SILVA, Maurem F. da Silva; ALMEIDA, Joaquim A. (2002). “Turismo rural: família, patrimônio e trabalho. *In: M. Riedl, J. A. Almeida, A. L. B. Viana (orgs.). Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- SILVEIRA, Marcos Aurélio T. de (2001), “A paisagem rural como recurso turístico”. *In: A. B. Rodrigues. Turismo rural: práticas e perspectivas*. São Paulo: Contexto.
- SOROKIN, Pitirim A.; ZIMMERMAN, Carlo C.; GALPIN, Charles J. (1986), “Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano”. *In: MARTINS, José de S. (org.). Introdução crítica à sociologia rural*. 2. ed., São Paulo: Hucitec.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. (1987), *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth B. (2000), “A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil”. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 2, ? : 29-37.
- _____. (2003), *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Projeto de pesquisa, Universidade Federal de Pernambuco, mimeo.
- ZIMMERMANN, Adonis. (2001), “Planejamento e organização do turismo rural no Brasil”. *In: J. A. Almeida, M. Riedl (orgs.). Ecologia, lazer e desenvolvimento*. Bauru, SP, EDUSC.